

Um horizonte de utopias: Fulgor e imprevisibilidade na *Obra incompleta* de Oswald de Andrade

Eduardo Jorge de Oliveira
Universität Zürich
• eduardo.jorge@rom.uzh.ch

DOI <https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2022.e977>

**Resenha: *Obra incompleta*,
Oswald de Andrade (dois volumes).
Coordenação de Jorge Schwartz.
São Paulo: Edusp, 2021
(Coleção Archivos, n. 37).**

As palavras de Antonio Candido resumem bem a empreitada de Jorge Schwartz que, ao estabelecer a *Obra Incompleta*, de Oswald de Andrade, escreve que “a intenção que norteia este volume é a de transmitir ao leitor, ainda que de maneira parcial, o fulgor e a imprevisibilidade que Antonio Candido, na ‘Liminar’, assinalou como traços marcantes de Oswald de Andrade” (2021, pp. XXI-XXII, grifos nossos). Sem esses dois elementos, *fulgor e imprevisibilidade*, nenhuma utopia seria possível. E, ao mesmo tempo, é a impossibilidade das utopias que lhes dão horizonte de possibilidade. Eis dois elementos-chave na obra de Oswald de Andrade, textos que se situam à beira de um curto-circuito literário e cultural. Por mais que possa parecer contraditório, foram esses dois elementos, tão essenciais na sua obra, que o marginalizaram em um debate mais amplo sobre Brasil. A dimensão de *obra incompleta* também é fundamental para não monumentalizar Oswald que, pelo contrário, é posto em movimento em dois volumes cuidadosamente editados.

Da metáfora da incompletude à materialidade do texto, Oswald de Andrade ganhou uma edição filologicamente bem cuidada por Maria Augusta de Fonseca e Gênese de Andrade. No primeiro tomo, o leitor encontrará os textos de Oswald de Andrade, da sua poesia, com *Pau Brasil*, de 1924, a ensaios fundamentais que datam dos anos cinquenta tais como *A crise da filosofia messiânica*, “O antropófago” e *A marcha das utopias*. Esses são alguns dos ensaios menos lidos e discutidos de Oswald de Andrade que mereceriam estar mais presentes nos debates sobretudo em torno da antropofagia. Esse volume confere a Oswald de Andrade o papel de um dos grandes pensadores do Brasil. Seu trabalho intelectual merece

ser considerado como um dos grandes intérpretes do país, considerando a singularidade de um poeta que se vale das lentes da história para atingir o seu âmago: a invenção das utopias que para ele é indissociável de outra invenção, a América, como se lê em “O achado de Vespúcio”.

Os ensaios de Oswald absorveram toda a sua capacidade de síntese que fornecem a pesquisadores da literatura e das ciências afins, elementos para que se produzam novas interpretações. Seus textos passam por cada época deixando rastros, como se pode perceber ao longo dos anos sessenta e setenta, a partir do concretismo e do neoconcretismo bem como nos anos noventa com a vigésima quarta Bienal de São Paulo (cf. Bachmann; Carrillo-Morell; Masseno; de Oliveira, 2021). As leituras de Oswald de Andrade continuam na virada do século. Sua obra abre diversas temporalidades do futuro ao identificar uma crise no messianismo e uma virada do patriarcado sobre o matriarcado. Esses são traços de um choque de civilização e de cultura que sobrevivem ao longo de processos colonizatórios.

A força da obra de Oswald de Andrade é pré-póscolonial, chegando a exceder agendas teóricas que absorveram sua obra sob esse prisma. Se pudéssemos renomear a parte mais tardia da sua obra, ela contém não apenas o desenvolvimento do “Manifesto Antropófago” como também levanta camadas históricas. Por exemplo, em “Civilização e dinheiro” Oswald de Andrade observa que “o dinheiro, atomizando o poder, [...] foi o campeão das franquias e liberdades do homem comum no Renascimento” (Andrade, 2021, p. 655). Oswald é um mestre da elaboração de sínteses históricas que, além disso, soube dialetizá-las como ninguém. Esse é apenas uma delas que Oswald de Andrade operou ao longo do breve ensaio citado que, segundo ele, não era uma conferência com pretensão pedagógica e mais “uma ordenação feita para o uso próprio de ideias, conceitos e afirmativas que vivem no ar agitado do nosso tempo” (Andrade, 2021, p. 651).

Uma pena que os manifestos da “Poesia Pau-Brasil” e “Antropófago” não tenham sido suficientemente levados a sério quando foram publicados e talvez esse tenha sido o motor para seus ensaios escritos mais no final da sua vida. Eles desenvolvem inquietações que estão materializadas sob a forma de um texto breve como é de praxe do manifesto em si. Os dois manifestos estão bem editados e anotados. O primeiro com as anotações de Benedito Nunes e Gênese de Andrade e o segundo com as notas de Benedito Nunes. Convém retomar do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”:

Como cada época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos.

A síntese
O equilíbrio
O acabamento de carrosserie
A invenção
A surpresa
Uma nova perspectiva
Uma nova escala
Andrade, 2021, p. 622).¹

Dos “fatores destrutivos” a “uma nova escala” existe toda uma filosofia da história, esboçada numa perspectiva crítica que ganhará posteriormente o eixo de uma crítica messiânica em relação ao “rotamento dinâmico dos fatores destrutivos” (Andrade, 2021, p. 622). A *crise da filosofia messiânica* é onde Oswald de Andrade dá um salto maior. O texto foi apresentado como tese para a cadeira de Filosofia da Universidade de São Paulo e um dos exemplos pode ser lido no seguinte trecho:

Sören Kierkegaard já havia conduzido para o subjetivo e para o cotidiano a emoção da sua dúvida. Karl Marx reduzira à contabilidade os voos da metafísica alemã. E Friedrich Nietzsche afirmou que o habitat dos grandes problemas é a rua. Na rua, na contabilidade e no dia útil, nesta metade de século, o homem trabalhou sobre o homem. E hoje, pode-se restaurar um velho brocardo da Idade Média – *Philosophia ancila theologiae*. Apenas o último termo mudou, introduzindo-se no vocabulário clássico um barbarismo de boa hora: – *Philosophia ancila sotiologiae* (Andrade, 2021, p. 660).

A rua, a contabilidade e o dia útil são as unidades mais elementares da sociologização do mundo que foram identificadas por Oswald de Andrade ao longo do lento processo de secularização. O mundo se tornou absolutamente sociológico quando o homem reduz a sua percepção de mundo ao próprio homem. Esse “rebaixamento” da teologia à sociologia pode ser retomado a partir de um suplemento antropológico ou antropofágico como escreverá Oswald de Andrade em 1928 no “Manifesto Antropófago”, fato que não ocorre sem uma “rítmica religiosa”. Mas essa dimensão assume uma força processual da transformação do tabu em totem. Nesse sentido, caberia observar as operações mais recentes de leituras de Oswald de Andrade, nomeadamente aquelas praticadas por Eduardo Viveiros de Castro a partir da sua noção de perspectivismo ameríndio que, segundo ele:

¹ No próprio “Manifesto”, Oswald de Andrade precisa a “nova escala”: “Uma nova escala: A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, crianças nos colos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas formas da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros. Rails. Laboratórios e oficinas técnicas. Vozes e tics de fios e ondas e fulgurações. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos. O correspondente da surpresa física em arte” (Andrade, 2021, pp. 623-624). O que impressiona nesta nova escala é que existe nela, *in nuce*, toda uma teoria das imagens que as redimensionam no tempo e no espaço.

[...] vejo o perspectivismo como um conceito da mesma família política e poética que a antropofagia de Oswald de Andrade, isto é, como uma arma de combate contra a sujeição cultural da América Latina, índios e não-índios confundidos, aos paradigmas europeus e cristãos. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos (Viveiros de Castro, 2007, p. 129).

A antropofagia oswaldiana não está isolada da “obra incompleta” do seu autor; ao contrário, ela é a força centrípeta e centrífuga que permite um contato direto com o que fora anunciado no manifesto anterior: “a volta ao *sentido puro*” (Andrade, 2021, p. 624). É centrípeta porque existe nela uma compreensão da ação dos fatores destrutivos, nesse sentido, a antropofagia é um vetor cultural e expressa um caráter bem mais material; sua dimensão centrífuga estaria na própria “rítmica religiosa”. O breve modo de situar a antropofagia oswaldiana por esse viés não tem por objetivo simplificá-la por um processo físico-matemático, mas muito mais para se servir de uma das partes do próprio manifesto que é a seguinte: “Morte e vida das hipóteses. Da equação *eu* parte do *Cosmos* ao axioma *Cosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia” (Andrade, 2021, p. 629). Por mais que tenha existido uma realidade concreta do manifesto e que existam nela críticas a companheiros de geração, Oswald de Andrade soube situar o conflito entre o mundo não-datado contra a capa matemática que o cobriu ao longo dos mais diversos processos históricos que legitimaram a autenticidade do homem. Em “o antropófago”, ele detalha:

O progresso das ciências naturais, a ascensão das ciências chamadas exatas, as descobertas, os inventos e as expedições que vararam a terra e procuram varar os abismos, do céu e do solo, tudo soma na direção do conhecimento do homem e da sua autenticidade. Esse movimento se escalou desde o século XVI até o século XX em dominantes que tomaram as seguintes denominações: Renascimento e Humanismo do Progresso no século XIX (Andrade, 2021, p. 705).

É ainda a partir desse conflito de mundos e de processos históricos que mais se assemelham a uma locomotiva ideológica da autenticação do homem que vai do renascimento ao progresso. Nesse conflito de mundos, um deles venceu: o mundo das “religiões de meridiano” (Andrade, 2021, p. 629), o mundo da técnica e do capitalismo no qual sobrevive o messianismo. No período em que escrevia suas reflexões sobre o messianismo e o matriarcado, Oswald de Andrade era um leitor de Roquette-Pinto e Rondon. Em “Ainda o matriarcado”, ele escreve:

Nem a exogamia, nem o parentesco, nem o totemismo foram abordados pelos homens privilegiados que palmilharam a nossa terra índia, ainda virgem nessa hora. Só depois da criação das universidades é que se começa a compreender aqui quanto haveria de útil e precioso nesse primeiro contato com o primitivo (Andrade, 2021, p. 792).

É nessa referência à universidade, lugar que ele poderia ter ocupado, que existe uma referência à sociologia, à antropologia e à etnologia, campos de saber que, para Oswald, também exerceram um papel fundamental em termos de um vocabulário capaz de lidar com os limites de uma estrutura “autêntica” do homem. Nesse sentido, a figura do antropófago atuou – e atua – como uma resposta ou uma vacina, como se pode ler em um dos fragmentos do manifesto de 1928: “O espírito recusa-se a conceber o espírito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade de vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões do meridiano. E as inquisições exteriores” (Andrade, 2021, p. 629). A reunião dos escritos de Oswald de Andrade em um único volume, o de número 37, da coleção *Archivos*, é um passo decisivo e fundamental para manter esse horizonte da utopia antropofágica naquilo que ela tem de fulgor e de imprevisibilidade.

No que concerne ao segundo tomo da *Obra incompleta*, convém ressaltar que nele estão coletados estudos fundamentais sobre Oswald de Andrade, dos mais conhecidos como os de Haroldo de Campos, “A recepção estética de Oswald de Andrade”, passando por Renato Cordeiro Gomes, que focaliza a análise de *O santeiro do mangue*, e o incontornável estudo de Benedito Nunes, “Dois manifestos e um só primitivismo”. Ampliando o panorama crítico combinado com observações mais reticulares, o volume apresenta textos de Nicolau Sevchenko, Vinicius Dantas, Silviano Santiago, Maria Augusta Fonseca, Eduardo Subirats, João Almino, Leyla Perrone-Moisés e Jorge Schwartz. Diante de uma perspectiva tão diversa, a seção subsequente intitulada “retratos” apresenta um Oswald cubista, isto é, o retrato de um autor todo composto de dobras. São textos-documentos assinados por Guiseppe Ungaretti, Albert Camus, Carlos Drummond de Andrade, Vera Maria Chalmers, Roger Bastide, dentre outros.

O ensaio de Leyla Perrone-Moisés, por exemplo, é fundamental para reposicionar Oswald de Andrade não pela sua “pouca seriedade”, mas pela força do *ethos* da sua alegria. Segundo Perrone-Moisés, “Oswald é cheio de energia, de entusiasmo e de graça. Isso faz uma exceção mundial”. E continua:

Os grandes escritores do século XX não são, em geral, alegres e bem-humorados. Refiro-me à alegria como *ethos*, e não apenas como humor, traço genérico e estilístico. Diante das tragédias do século, que se distinguem por terem atingido proporções maiores e sobretudo por serem de conhecimento geral do planeta, não é fácil manter a alegria (Andrade, 2021, p. 1052).

É por esse difícil resultado de uma prova dos nove que a obra de Oswald de Andrade afirma a vida, mesmo diante das maiores dificuldades pelas quais o escritor passou nos últimos anos. Outra exceção que não faz regra é Ungaretti. Ambos partilham um *ethos* da alegria ao qual se referia Leyla Perrone-Moisés.

Ungaretti assinou o prefácio da edição italiana de *Memórias sentimentais de João Miramar*. Ele escreveu: “o selvagem significou para Oswald o que Confucio significava para Pound: a visão de uma nova moral não-cristã e de uma nova linguagem direta, ideográfica”² (Andrade, 2021, p. 1187). Nessa sentença ecoa não apenas a memória de um diálogo com Décio Pignatari sobre a obra de Oswald de Andrade, mas a própria vida do autor de *L’allegria* no solo brasileiro. Ungaretti escreve:

Mas Osvaldo é Osvaldo na poesia dita em verso, como ele costumava praticar. Esses são momentos tirados dos antigos cronistas que em seus diários seguiram os primeiros passos dos europeus no Brasil, enquanto iam com suas lâminas para esculpir as árvores das quais a escorria borracha, ou para extrair aquela madeira de tintureiro que chamávamos pau-brasil³ (Andrade, 2021, p. 1187).

Entre a borracha e a pigmentação vermelha, Oswald de Andrade faz da poesia matéria-prima assim como a antropofagia também segue um percurso semelhante: matéria-prima para o pensamento que encontra sempre uma aderência diferente a depender da época em que é lido. Nesse sentido, não são propriamente obras-primas que um leitor vai encontrar – muito embora a obra de Oswald de Andrade seja um grande acontecimento na literatura brasileira –, mas matérias-primas para a poesia e para o pensamento.

² Na edição brasileira, o texto foi publicado no original, em italiano: “il selvaggio significò per Osvaldo ciò che Confucio significava per Pound: la visione di una nuova morale non cristiana e di un nuovo linguaggio diretto, ideogrammatico” (tradução nossa).

³ No original tal como foi publicado na edição brasileira, lê-se: “Ma dove Osvaldo è Osvaldo è nella poesia detta in versi, fatti come da sempre si usava fare. Sono momenti ripresi dagli antichi cronisti che nei loro diari seguivano i primi passi degli europei in Brasile, mentre andavano costoro con le loro lame a incidere gli alberi dai quali colava il caucciù oppure a scorticare quel legno da tintori che chiamavamo il pau-brasil” (tradução nossa).

Nem queimar, nem canonizar: simplesmente ler Oswald de Andrade

Reeditar Oswald de Andrade vai além das efemérides. Muito ainda está por vir ao longo das leituras de suas obras. No entanto, não são apenas as efemérides que irão incluir definitivamente Oswald de Andrade numa posição canônica ou retirá-lo totalmente desta possibilidade. A sua obra possui a maturidade para ocupar um espaço ambivalente. Essa *inconstância* faz com que a sua obra encontre uma forte homologia com tudo o que ele pensou e em cada época que ele o fez, mostrando que não se pode agarrar-se a identidades definitivas. Com todas as suas contradições, Oswald de Andrade encarna devires utópicos. Sua inconstância é sem distração. Para lembrar um dos fragmentos do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”: “Uma sugestão de Blaise Cendrars: – Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta do vosso destino” (Andrade, 2021, p. 620). Oswald não partiu na direção oposta do seu destino e, por isso, sua inconstância se inscreve como um forte ponto de contato com a obra de Eduardo Viveiros de Castro. Oswald de Andrade teve uma alma selvagem. Sua obra tanto é um reflexo quanto acolhe seus estilhaços. Lê-lo nos expõe ao fulgor e à imprevisibilidade de sua obra-vida, cuja temporalidade ainda comporta uma multiplicidade de passados e de futuros que seguem embaralhados nos próprios arquivos da utopia.

Bibliografia

Andrade, O. de. (2021) *Obra incompleta* (dois volumes). Org. Jorge Schwartz. Coleção Archivos. São Paulo: Edusp.

Viveiros de Castro, E. (2008). *Encontros*. Org. Renato Sztutman. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.

Bachmann, P.; Carrillo-Morell, D.; Masseno, A.; Oliveira, E. de. (2021). *Antropofagias! Um livro manifesto*. Berlim: Peter Lang.